



O Polinômio

Apostólico da CVX:

Discernir

Enviar

Acompanhar

Avaliar

Elaborado pela CVX da Espanha

Apresentação

O objeto do DEAA

- “Nossa vida é essencialmente apostólica”: assim está escrito no Princípio Geral 8, todo ele dedicado a descrever o aspecto apostólico de um membro da CVX. O PG 8 formula este aspecto expressamente, mas na realidade todos eles e as Normas Gerais também têm como horizonte o seguimento mais próximo de Jesus Cristo, trabalhando com Ele na construção do Reino. É exatamente disto que se trata: **De buscar e encontrar a maneira e os meios com que Deus quer que melhor lhe sirvamos. Estar ali no lugar onde Deus nos chama e onde Ele nos quer.** Esta é uma busca que algumas vezes será a de toda comunidade quando elabora, por exemplo o seu Plano Apostólico Comunitário, ou individual.
- O **DEAA** trabalha sobre os meios e não sobre os fins; não se discerne se são bons, ou se haveremos de servir, mas o **COMO**. É claro, pois, que o **DEAA** tem por objeto a **concretização** da dimensão apostólica de um membro CVX: o que, como, onde, a quem... será a minha missão, apostolado ou serviço, são essas palavras diferentes para expressar uma mesma realidade.

As recomendações de Itaiçi e Nairóbi

Nairóbi nos deixou uma recomendação muito clara: **COMPARTILHEM A RESPONSABILIDADE DA MISSÃO**. Já antes, em Itaiçi, no **Carisma CVX**, temos registrada esta luminosa mensagem: *“Não só é comunidade de apóstolos, formada por pessoas mais ou menos comprometidas em sua própria missão individual, mas também comunidade apostólica na qual seus integrantes, ainda que se dediquem a tarefas distintas, partilham sua vida e modo de levar adiante a própria missão, discernem o objeto e conteúdo dessa missão, são enviados pela Comunidade, e nela tomam consciência e avaliam seu seguimento de Jesus Cristo, o Enviado do Pai”* (O Carisma CVX 132). E no número 98: *“Porém para que essa atuação, ao serviço dos demais, seja missão, é necessário que a comunidade assuma os chamados, ajude a discernir, e em definitivo, envie a cada qual em missão”*. Neste tópico somente faltou se dizer que a avaliação se faz dentro do esquema do **DEAA**.

Tanto o Carisma CVX, quanto Nairóbi nos recomendam que a dimensão apostólica, própria do Carisma CVX, deve ser compartilhada com os outros. Ela não contempla a figura do franco atirador ou do individualista que, confiante nas suas próprias forças, faz tudo ao seu modo e maneira, diferentemente do como age o membro da CVX que diante da complexidade da missão, a compartilha em comunidade, busca nela ajuda para discerni-la, aceita a sua mediação para ser enviado, se sente acompanhado por ela e com ela faz a avaliação da missão.

Quem são os destinatários do DEAA e porque

A princípio, o destinatário é todo aquele que faz parte da CVX, de maneira que desde o momento em que passa a fazer parte da CVX já vá se familiarizando com o DEAA; isto apesar de que sabemos que ele é especialmente indicado para aqueles membros da CVX que, tendo feito o compromisso permanente e a experiência completa de um mês dos Exercícios Espirituais, têm como encargo específico o discernimento apostólico, que há de fazê-lo dentro daquele corpo apostólico ao qual pertence em sua plenitude e que se lhe foi revelado como a identidade e a vocação para a qual Deus o chama, a sua vocação. Sua missão há de passar, pois, pela mediação desse corpo, dessa comunidade que não se coloca de fora, extrínseca, mas é parte dela. Esta é a razão fundamental (a vinculação ou pertença a este corpo apostólico) do DEAA e não somente instrumental. Porque, sem a vivência da chamada a formar parte de um corpo (Nairóbi) ou a integração em uma comunidade apostólica (Itaici) resultará estranha a compreensão e conseqüente realização do DEAA. Ela é igualmente estranha se não se tem a mística da missão. Sem essas duas dimensões o peso e a força da comunidade perdem o seu sentido.

Já há experiências

Não partimos do zero: não são poucos os Planos de Ação Apostólica elaborados com a seriedade que é requerida pelo discernimento feito de forma comunitária. Nem são poucos os membros que têm sido ajudados pela comunidade de pertença nos seus discernimentos pessoais sobre assuntos de importância; comunidades e pessoas que vivem a missão como fruto de um envio. Não temos dúvidas de que não estão igualmente cuidados os outros dois momentos do DEAA: o acompanhamento e a avaliação.

Uma advertência

Uma advertência importante: “não se utilizam canhões para matar mosquitos”. O DEAA é um método sério que exige assuntos de importância. Podemos cair na tentação de banalizá-lo usando-o para tudo e em todo momento. Não devemos nos esquecer nunca de que o DEAA tem como objeto o discernimento apostólico que leva ao envio e que depois é acompanhado e oportunamente avaliado. Outros assuntos comunitários ou pessoais é preciso que sejam deixados na boa prática do sentido comum.

O esquema de cada um dos temas

Cada tema (Discernir, Enviar, Acompanhar e Avaliar) começa com uma epígrafe que tem o nome de “Fundamentação” e o desenvolve desde quatro fontes:

Diz o Princípio Geral 5 que a nossa espiritualidade, que está centrada em Cristo, brota de duas fontes universais: a Sagrada Escritura e a doutrina da Igreja. Por elas cada um dos temas parte em primeiro lugar da Sagrada Escritura.

Em segundo lugar da doutrina e da tradição da Igreja.

Em terceiro lugar da espiritualidade inaciana. O mesmo Princípio Geral 5 continua: *“consideramos os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola como a fonte específica e o instrumento característico da nossa espiritualidade”*. Desta maneira, cada um dos temas vem iluminado por nossa fonte que é a espiritualidade inaciana. Sem dúvida que o DEAA, especialmente o discernimento, encontra nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio uma escola para a sua compreensão e aplicação.

E, em quarto lugar, a espiritualidade da CVX. Como não podia deixar de ser, a epígrafe de *“Fundamentação”* faz passar por cada um dos temas o que temos de específico do carisma da CVX, especificidade que se encontra formulada nos Princípios e nas Normas Gerais, no Carisma CVX e nos Documentos das Assembléias.

Seguindo, as pautas tentam clarificar, em primeiro lugar, o significado de cada um dos momentos do DEAA, também o que ele não é, para depois sugerir modos, meios, ajudas e procedimentos para operar, em cada um dos ditos tempos. O tema, sem dúvida é tema, o que quer dizer que pode servir para encontrar outros meios, ser enriquecida e, desde logo, pronta para ser adequada às circunstâncias concretas de cada caso e de cada comunidade.

Nota

As citações da epígrafe *“Fundamentação”* de cada um dos tempos poderiam multiplicar-se. Sirvam estas como indicativas, não obstante, no apêndice com o qual terminamos esse *“pequeno caderno”*, podem-se encontrar outras, assim como se podem consultar os seguintes números da nossa Revista da CVX-E: Números 56, *“De Guadalajara a Nairóbi, passando por Itaicí”* ; dentro do mesmo número: *“A especificidade de Nairóbi 03”*, o 58 *“A dinâmica comunitária depois de Nairóbi; Projetos 120* e os artigos que aparecem publicados nos números 66 e 67 da nossa revista: *“Os fundamentos do DEAA”*.

Comitê Executivo da CVX-Espanha *Janeiro de 2008*

O Comitê da CVX-E agradece à comissão Apostólica (Alfonso Salgado, da CVX de Salamanca, José Maria Riera, da CVX-la Vinya e Silvia Villalba da CVX-Sevilha) pelo tempo, entusiasmo e sabedoria dedicados à elaboração destas *“Pautas para um bom uso do DEAA”*. Agradecemos também a Fernando Marhuenda, da CVX-Ignacio Ellacuría, pela sua revisão pedagógica. E o nosso último agradecimento, pela tarefa de desenho e diagramação, à equipe de Comunicação da CVX-E: Silvia Rozas e Alex Ouviaña, da CVX-A Coruña.

Discernir

“O discernimento é a pulsação da fé” (I. Iglesias)

Enviados por Cristos, membros de um só Corpo

Fundamentação

Desde a Palavra de Deus

O discernimento pertence, desde a sua origem, ao projeto de Deus para o ser humano, ao nos fazer criaturas co-responsáveis com Ele na criação toda (“Mandar nas aves do céu e nos peixes do mar, dar nome aos seres todos” Gn 1, 26; 2,19-20). Deus coloca na essência do ser humano a capacidade de optar e de decidir, o que supõe a capacidade de discernir e de eleger. Deus não quer que o homem se coloque na criação como “*diante de um museu*” - desde fora – mas sim como “*diante de uma oficina*” onde possamos colaborar ativamente com Ele.

O primeiro discernimento se faz simbolicamente presente no meio do jardim, junto à árvore da vida – a árvore do conhecer o bem e o mal – a árvore da eleição (Gn 2, 16-17).

Na trajetória de Israel discernir será essencial para o povo que atravessa o deserto: “*Ponho diante de ti a vida e a morte, a benção ou a maldição, escolhe pois a vida*” (Dt. 30, 15-20).

Já em Jerusalém, o sábio Salomão pede “*um coração atento para julgar o povo, para discernir entre o bem e o mal*” (1Rs, 3,9)

No Novo Testamento Jesus pede aos fariseus que “*que saibam discernir os sinais dos tempos*” (Mt. 16,3)

E São Paulo faz chamadas constantes ao discernimento. As citações são abundantes (1Tes. 5, 19-20; Rom 12, 2; Fl 1, 9; 1Cor 12, 10, entre muitas outras).

Desde a tradição e o magistério da Igreja

Até o Concílio Vaticano II, é justo advertir, os termos “discernir e discernimento” não figuram – ou apenas são citados – nos textos oficiais da Igreja. Mas, é claro, que eles estão presentes no seu espírito e o mesmo Concílio Vaticano II é prova disto. O termo aparece lentamente nos textos dos sínodos e dos papas depois do Concílio. De fato, na primeira encíclica do papa João Paulo II, ele se refere a uma Igreja “*mais madura no discernimento*”.

A Igreja, através nada menos do que da constituição *Gaudium et Spes*, formula a necessidade do discernimento: “*O povo de Deus, movido pela fé que lhe impulsiona a crer que quem o conduz é o Espírito do Senhor, que enche o universo, procura DISCERNIR nos acontecimentos, exigências e desejos, dos quais participa juntamente com os seus contemporâneos, os sinais verdadeiros da presença ou dos planos de Deus*”.

Desde o Carisma Inaciano

A vida pessoal de Inácio está atravessada por uma pergunta: “*E agora, o que há de se fazer?*” (Autobiografia de Santo Inácio de Loyola). Uma pergunta que encontrou a sua resposta na ferramenta do discernimento.

Não é nada exagerado dizer que os Exercícios Espirituais são uma escola de discernimento e que todos os que têm vivido esta experiência têm constatado o tempo dedicado a ele e o convite a uma vida em atitude discernente, como um dos frutos mais valiosos dos Exercícios. Um dos frutos a se esperar que o exercitante receba nos Exercícios é a atitude de discernimento.

É um mérito de Inácio ter se aprofundado nessa ferramenta eclesial e haver deixado para a Igreja inteira um sábio método de discernimento (por exemplo, as regras, os tempos de eleição...).

Estes critérios inacianos de discernimento apostólico, além dos Exercícios, se encontram sobretudo na sua Autobiografia, como caminho e processo pessoais e em suas cartas, nas quais ele sugere estratégias, define objetivos e propõe meios para alcançá-los.

Nas Constituições da Companhia de Jesus (618, 622...) Inácio apresenta sistematicamente os critérios para a seleção de ministérios. Estes critérios podem ser para nós sugestões e ajudar-nos a discernir nossa missão apostólica na CVX.

Desde o nosso Carisma CVX

a) Desde os Princípios e Normas Gerais

“A espiritualidade de nossa Comunidade está centrada em Cristo e na participação no Mistério Pascal. Brota da Sagrada Revelação, da liturgia, do desenvolvimento doutrinário da Igreja e da revelação da vontade de Deus através dos acontecimentos de nosso tempo. No contexto destas fontes universais, consideramos os Exercícios Espirituais de Santos Inácio como a fonte específica e o instrumento característico de nossa espiritualidade. A nossa vocação nos convoca a viver esta espiritualidade, que nos abre e nos dispõe a todos os desejos de Deus em cada situação concreta de nossa vida cotidiana. Reconhecemos particularmente a necessidade da oração e do discernimento, pessoal e comunitário, do exame de consciência cotidiano e da direção espiritual como meios importantes para buscar e encontrar a Deus em todas as coisas. (PG5)

“Como membros do Povo de Deus a caminho, recebemos de Cristo a missão de sermos suas testemunhas perante todas as pessoas (...)A Comunidade nos ajuda a viver este compromisso apostólico em suas diferentes dimensões e a ser sempre abertos ao que é mais urgente e universal particularmente através da “Revisão de Vida” e do discernimento pessoal e comunitário. Procuramos dar um sentido apostólico até mesmo às mais humildes realidades da vida cotidiana.” (PG8c)

“O discernimento apostólico, tanto pessoal como comunitário, é o meio usual de descobrir o melhor modo de tornar a Cristo presente, de forma concreta, em nosso mundo. Nossa ampla e urgente missão requer de cada membro uma pronta e ardente disposição de participar da vida social e política e de desenvolver qualidades humanas e habilidades

profissionais, a fim de se tornar trabalhador mais competente e testemunha mais convincente.” (PG12b)

b) Desde o Carisma CVX

“Os Princípios Gerais reforçam o caráter inaciano da CVX, com expressões que percorrem todo o texto e que remetem à experiência dos *Exercícios* ou ao carisma inaciano. Fazem ressaltar a centralidade de Jesus Cristo e explicitam a referência às origens inacianas do caminho e modo de proceder CVX, sublinhando a importância do *discernimento apostólico*, para abrir-se aos chamados mais urgentes e universais do Senhor, como meio ordinário para a tomada de decisões”. (Carisma CVX 19)

“O discernimento apostólico é uma atenção inteligente e contemplativa do cristão adulto à ação do Espírito, perante seus compromissos na família, profissão, sociedade e Igreja. Seu objetivo é procurar e encontrar a vontade de Deus quanto à missão: Para procurar sinceramente a vontade de Deus, em seu coração deve arder o mesmo fogo que arde no coração de Cristo¹. Deve, além disso, conhecer os modos pelos quais Deus pode mostrar sua vontade, e ter critérios para escolher o que lhe dê maior glória e o bem mais universal”. (Carisma CVX 109)

Sabendo que seria muito extenso citá-los aqui, vale dizer que nos números 109 a 124 do Carisma CVX se detalha o significado e a profundidade do discernimento, assumindo-o como algo mais que um método, como uma ferramenta para viver e se ser no mundo, pessoal e comunitariamente, fazendo da missão e dos seus destinatários o centro da nossa vida e a razão de ser da Comunidade. Estes números do Carisma 109-124 são essenciais para entender o discernimento na CVX.

“A Missão é Comunitária também porque *é fruto do discernimento comunitário*, a nível local, nacional e mundial. Graças à Comunidade, o discernimento pessoal para eleger se completa com o discernimento comunitário para enviar” (Carisma CVX 146).

“O compromisso permanente corresponde à etapa de vida apostólica em plenitude (...). Esta etapa está associada ao discernimento apostólico como elemento indispensável para desenvolver a missão” (Carisma CVX 190).

c) Desde os documentos das nossas recentes Assembléias

“Nossos Princípios Gerais não estabelecem limites à missão da CVX (...) Nossas próprias limitações – pessoais e comunitárias – nos colocam, freqüentemente, diante da situação de ter que decidir entre diferentes opções possíveis. Para isto fazemos uso do discernimento pessoal e comunitário (...) Necessitamos estar atentos continuamente aos sinais dos tempos e devemos oferecer-nos sinceramente ao serviço da Igreja, para sermos o mais fiéis que seja possível a este chamado do Senhor. (...) À medida em que vamos nos aprofundando nesta forma de ser comunidade, deveríamos ir nos acostumando, cada dia mais, ao uso destes meios tanto no nível pessoal como no comunitário” (Projeto Apostólico da CVX-Espanha, Assembléia de Barcelona 1999).

“Intentamos como objetivo fundamental escutar o que Deus está demandando à Comunidade de Vida Cristã diante de um mundo complexo que nos pede uma resposta coordenada e a um nível superior ao local. Como CVX temos uma enorme potencialidade. O mundo e a Igreja nos pedem para respondermos como Corpo” (Síntese da Assembléia CVX-Espanha, Murguía 2004).

“A ‘Missão Comum’ que recebemos é aquela na qual todos os membros da CVX compartilham a responsabilidade. Esta é a nossa maneira distintiva de viver em missão:

todos nós, em um grupo pequeno, ou em uma comunidade maior, discernimos a vontade do Senhor e então compartilhamos a responsabilidade de enviar e de ser enviado.

Estamos convidados a viver o discernimento apostólico em comunidade para reconhecer a vontade de Deus, reconhecer onde Ele nos pede para servir e colaborar na missão de Jesus Cristo. Isto supõe viver pessoalmente o discernimento como atitude habitual (exame de consciência diário).

Em todas as circunstâncias da minha vida diária eu desejo viver plenamente a missão que o corpo apostólico da CVX me tenha confiado, compreendendo-a como a minha participação na missão de Jesus Cristo.

Neste Corpo Apostólico, feito concreto em cada comunidade local, discernimos juntos as maneiras específicas em que Jesus Cristo deseja que nós participemos hoje na sua missão. E assim, enquanto nos forma e nos apóia, a comunidade também nos envia a servir com competência, usando todas as capacidades que o Senhor nos tem dado.” (Projetos 120)

“A missão que é de Inácio sempre se tratará de uma missão DISCERNIDA. A CVX tem no serviço à missão um dos referentes do seu carisma, já que desde a Contemplação da Encarnação nos EE, como resultado do olhar trinitário, a CVX se sente impulsionada a sair de si e, em consequência, à imitação da Trindade, contemplar também com misericórdia o mundo de hoje para descobrir com os critérios inicianos, o que é mais urgente, necessário e universal.” (Inocencio Martín sj, Assistente CVX-E a propósito da Assembléia de Nairóbi).

O que é o que não é discernir... também comunitariamente?

- . É uma deliberação em comum, um intercambio espiritual, comunhão de espíritos... sobre os meios, nunca sobre os fins. Portanto, centrado no onde, como, quando e o quê...
- . É um processo de busca para conhecer a origem das moções que experimenta a comunidade e orientar sua resposta diante de uma situação determinada. É um processo para perceber a presença ativa de Deus, tomar consciência do que se deve fazer e de como fazê-lo, de maneira que toda a sua vida esteja constantemente sob a moção do Espírito e assim fazer “*sempre o que agrada o Pai*” (Jo 8,19).
- . Não é uma dinâmica de grupo. Certamente que se devem empregar recursos técnico-pedagógicos mas eles não são tudo.
- . Não é uma tomada de decisão com inteligência e critérios “*humanos*”, mas sim a busca da vontade de Deus.
- . Não é o “*modo habitual de proceder*” nem pessoal nem comunitariamente, mas sim o que se emprega para assuntos verdadeiramente importantes (como quer Deus ser servido).
- . Não é um exame que se deva fazer com pressa ou precipitadamente, já que é tão importante o processo como é o resultado.
- . Não é algo separado e distante da vida, nem algo só individual, nem é um cenário comunitário, social e histórico.
- . Não deve estar dirigido a “bendizer” uma decisão já tomada : não é algo que obriga a fazer ou a deixar de fazer.
- . Não é uma mecânica insuportável, rígida, imposta e fechada.

Condições pessoais para poder discernir

- . Honestidade consigo mesmo e fidelidade e respeito ao Senhor, para não colocar na sua boca o que pode ser simples conjectura pessoal.
- . Desapego e indiferença: uma pessoa curvada sobre si mesma ou com pré-julgamentos, paixões ou fobias, sensibilidades doentes e afeições desordenadas não é livre para discernir. Necessita-se, portanto, um desprendimento de apegos, discriminações e paixões. Desprender-se da auto-suficiência, da ânsia de impor e do temor de ser vencido.
- . Capacidade de diálogo: liberdade de expressão e atitude receptiva de escuta.
- . Conhecimento da Palavra e contato com a realidade: aberto ao mundo e a uma leitura crente e amante do mundo e da história. Disposição para a análise com sabedoria (orando e confiando).
- . Certa experiência de discernimento pessoal: Exercícios, acompanhamento pessoal, exame...
- . A certeza de que Deus me fala aqui e agora (fé): não só vamos buscar a vontade de Deus, mas também nos enchemos dela. Deus não brinca de esconde-esconde e também não disse a última palavra sobre mim nem sobre nós.
- . Confiança nos meus companheiros/as através dos quais Deus me ajudará a encontrar sua vontade.
- . Oração e adoção de uma perspectiva de fé. *Quais foram os critérios de “opção fundamental” do Senhor? (como Cristo) (Mt 4, 1-11).*
- . Atitude ativa, cooperadora (*“como se tudo dependera de ti”*).
- . Não só a escuta das “razões” lógicas, mas também, sobretudo das moções.
- . Reconhece o papel de autoridade das “instâncias superiores” (Princípios Gerais, documentos da CVX, Assembléias, comitês executivos, coordenadores regionais, comitês locais...) cujo papel de serviço é guiar o processo, confirmá-lo e, quando se trata de uma missão comunitária, determinar a execução concreta de como se fará e quem o fará.

Condições comunitárias para poder discernir

- . Um espaço mínimo de convivência, integração e diálogo (sabendo-se que o discernir em comunidade faz a comunidade). Encontros não só formais mas também lúdicos, informais e sociais...
- . Um mínimo de “sujeito apostólico”. De sentido de comunhão com a CVX, CVX Brasil e a CVX Mundial. De experiência CVX interna (ad intra comunidade), apostolado (ad extra), de profundo sentido de pertença e comunhão – vinculação (ou em processo de sê-lo e o desejo de transformação social (marcado pela utopia), de conhecimento e reconhecimento das orientações da CVX e de comunhão com elas.

- . Uma comunidade aberta, descentrada, vivendo ao “*modo apostólico*” (ou ao menos com desejos de vivê-lo), atenta aos sinais dos tempos e aos clamores (às vezes profundamente silenciosos) dos pobres, que julga a realidade e a história desde os critérios do Evangelho.
- . Conhecimento das Regras de Discernimento dos Exercícios, e, como modelo de deliberação comunitária a Deliberação de 1539. Estudo e reflexão acerca destes conteúdos.
- . Uma comunidade que tenha tomado alguma decisão comunitária (mesmo que não tenha sido em discernimento propriamente) e tenha compartilhado alguma missão comum (ou de parte dos seus membros); que haja tido uma mínima experiência de algo parecido ao DEAA, mesmo que não tenha sido exatamente o mesmo.
- . Com um forte desejo de entrar na vida de outros e uma decisão de que os outros entrem na minha própria vida.
- . Com autoridade posta em algumas pessoas, eleitas e enviadas para isto e com um marco temporal e de continuidade, que permita realística e seriamente, iniciar, continuar e terminar o processo.

Como se faz o discernimento comunitário: critérios método e plano

a) Critérios

- . Contemplação: conhecimento interno da realidade a avaliar. Informação e leitura sapiencial (Nm 6, 25-26), (Sl. 80).
- . Compaixão: para sentir com Jesus e como Jesus (Mt. 9, 36-ss), (Mt. 14, 14-ss). (Jo. 11, 31-ss), (Lc. 19, 41).
- . Comunhão: com a Igreja, com o mundo e a história, integração na comunidade, gozo pela CVX, ...
- . Competência: método, modo e ordem, com a cabeça e coração, com estudo e contemplação...

Um critério geral que deve guiar o processo de discernimento, que vá orientado evidentemente para a eleição é o que conhecemos como o Magis ignaciano das Constituições (Para aprofundar esta reflexão destes critérios desde a CVX, atualizados para o nosso momento e realidade, é muito recomendável ter presente o artigo de José Maria Riera “Critérios Ignacianos para La Misión, publicado no Boletim CVX-E (40, páginas 27 a 31):

- Mais universal.
- Mais duradouro.
- Mais necessário.

- Mais multiplicador.
- Mais humilde.
- Mais esquecido pelos outros.

Ter muito presentes as luzes que iluminam o nosso discernimento e nos definem como comunidade CVX:

- O Evangelho e a Palavra de Deus na Bíblia.
- Os Exercícios Espirituais (e outros documentos básicos da nossa espiritualidade).
- Documentos do Magistério da Igreja.
- Princípios Gerais.
- Documentos das Assembléias CVX.
- Projetos Eclesiais: planos pastorais diocesanos, equipes diocesanas....
- Mapa Apostólico.
- Petições pessoais que podem fazer-nos pessoas encarregadas do governo da comunidade.

b) Método

Neste item se faz referência ao modo geral de proceder e o discernimento inaciano. (É o mesmo método e ordem que são propostos nos Exercícios Espirituais para a eleição e a reforma de vida EE 170-189). Ademais, deve ter-se em conta as regras de discernimento (EE 313-336:

- 1 – Três tempos de eleição dos Exercícios Espirituais.
- 2 – Prós e contras, sempre sobre uma matéria concreta, clara e precisa:
 - Razões positivas para o sim
 - Razões negativas para o sim.
 - Razões positivas para o não.
 - Razões negativas para o não.
- 3 – Perguntar-se pela sensibilidade e pela vontade de satisfazer-se. Há o desejo de satisfazer algum “apetite” ou de fugir de algo que não quero ou suporte?

- 4 – Papel da Igreja. Ter presentes as *“Regras para sentir com a Igreja”* e, sobretudo animar nosso discernimento desde o sentido de pertença e serviço à Igreja, única comunidade dos crentes.
- 5 – Depois da decisão, confirmá-la na oração e na vida: confirmação pessoal – interna – e confirmação externa – comunitária e eclesial (*A confirmação externa, de natureza comunitária e, portanto eclesial, é necessária como acompanhamento exterior que clareia o objetivo. Além disto, tenhamos em conta que às vezes no âmbito de onde se decide na comunidade nacional e também na comunidade Regional e local, de que forma corresponde a estas instâncias participar na confirmação da decisão tomada e posta em prática; é possível que outras vezes esta confirmação corresponderá a outras instâncias – veja-se por exemplo as NG 38 e 41b. O assessor é o eleito pela comunidade para este serviço, com a aprovação da comunidade Regional ou Nacional. Às vezes, outras instancias eclesiais além da CVX serão convenientes e/ou necessárias*).

c) Plano

Trata-se aqui de uma dinâmica para o discernimento comunitário. Mas, antes de começar, convém refrescar algumas idéias acerca dos requisitos prévios. Para isto, convém nos ilustrarmos com a *“Deliberação dos primeiros Padres”* que é um precioso testemunho de discernimento comunitário.

Lendo o preâmbulo do documento *“Deliberação dos primeiros padres”*, se observa em seguida que naquele grupo de homens, buscadores e comprometidos com o querer de Deus, havia:

- a) Um consentimento unânime quanto ao fim que se desejava alcançar: *“buscar a vontade beneplácita e perfeita de Deus”*.
- b) Uma decisão de discernir o que Deus quer (a unanimidade enquanto o fim inclui formalmente a decisão pessoal de cada um dos membros de discernir o que Deus espera do grupo, sem deixar-se guiar por nenhum outro critério).
- c) Uma diversidade de pareceres para conseguir o fim: *“enquanto os meios mais convenientes e frutíferos, tanto para nós como para os demais que nos estão próximos, havia uma certa diversidade de sentenças”*.
- d) Uma decisão para se discernir dentro dos fins específicos dessa comunidade: *“buscar, segundo o fim da nossa própria vocação...”*. É preciso que os fins e a natureza da comunidade sejam claramente percebidos por todos.
- e) A determinação inquestionável de colocar primordialmente a confiança em Deus. Desde o começo Deus deve estar presente na busca. Nele há que se colocar a confiança mais que nos meios humanos: *“esperando que Ele, tão bom e generoso... de nenhuma maneira nos faltará, mas nos assistirá, segundo é a sua bondade, muito mais abundantemente do que podemos pedir e pensar”*.

- f) A persuasão de que o tempo de Deus não é o nosso tempo. Colocar nossa confiança em Deus não significa, sem dúvida, ter a certeza de que Ele nos dará a conhecer sua vontade dentro dum prazo fixo. O Espírito sopra onde quer e também quando quer. As pressas e a precipitação são obstáculos que devem ser evitados a todo custo.

O Plano consta das seguintes sete etapas que se detalham adiante. Além disto, ao final se expõe um breve epílogo com algumas sugestões acerca do papel do “animador espiritual” que guia o processo.

Primeira etapa: Esclarecer o problema

O dinamismo do grupo (*aqui se denomina grupo de uma maneira genérica para permitir a aplicação do processo de discernimento comunitário a qualquer realidade grupal. Na Prática, o discernimento comunitário pode corresponder ao grupo de vida, à comunidade local inteira, a um grupo de pessoas a quem se lhe encomenda esta missão, a uma equipe apostólica, ao comitê local...*) e o seu contexto apostólico o levarão, sem dúvida, a colocar-se problemas que exijam um sério discernimento: “*para servir melhor a esta Igreja local convém fazer... sim ou não? Convém que façamos uma equipe apostólica de... para responder melhor às interpelações que nos faz... sim, ou não?*”

É importante:

1. Que seja colocado um problema que afeta a comunidade, porque toda ela é responsável por responder (problema comunitário), ou porque é algo que afete intensamente a algum dos seus membros e, em conseqüência, deve afetar a todos. Esse problema ou assunto deve ter nascido realmente da história do grupo ou comunidade, do ambiente em que ela vive e trabalha e deve interessar a todos.
2. Que exija o mais amplo consenso possível pela sua importância.
3. Que todos os participantes estejam de acordo em torno do objetivo fundamental.
4. Que haja, ao mesmo tempo, uma certa divergência quanto aos meios para conseguir tal objetivo e uma determinação comum de se encontrar juntos o caminho.
5. Que existe competência “jurídica” por parte da comunidade (que esteja no seu âmbito legal) e real, ou seja, que esteja preparada para realizar esse discernimento e tenha todos os elementos para alcançá-lo.
6. Que todos estejam decididos de antemão a colocar em ação a decisão final comunitária, custe o que custar.

É necessário que se exponha com grande clareza a alternativa que é submetida ao discernimento comunitário. Qualquer negligência neste ponto o custo será alto. Sem clareza na alternativa os tropeços do grupo serão freqüentes e inevitáveis e se perderá no caminho sem chegar à meta. A forma de exposição da alternativa variará

em cada caso (por escrito, informando aos grupos ou na assembléia...) mas deve se atentar para que todos tenham sido informados e sabem do que se refere.

Segunda etapa: Informação

Deve ser oferecida, caso se tenham, todos os elementos objetivos que possam trazer clareza à alternativa. Isto pode se fazer em comunidade e também completando-se depois os dados pessoalmente. Agora é tempo de “acumular evidências”, ou seja, apresentar a informação o mais objetiva, completa e imparcial que seja possível. Não se pode confundir informação com interpretação. Esta informação, caso seja necessário, pode ser pedida a especialistas, que não devem proporcionar respostas, senão simplesmente dados para entender e compreender melhor a alternativa proposta.

Terceira etapa: Reflexão orante pessoal

Depois, num ambiente de reflexão de oração pessoal, cada um se esforça para formar uma convicção pessoal sobre o problema colocado sem influenciar a outros, mas também sem deixar-se influenciar por eles. Ninguém deve constituir-se em “paladino” da causa. Todos devem ser buscadores da vontade de Deus. Uma discussão que se tivesse antes de toda reflexão pessoal, correria o risco de nivelar ou de acentuar ainda mais as diferenças de opinião. Ademais, sempre se exerce certa pressão que provoca inquietação, tanto naqueles que, seguros de si mesmos, tratam de impor suas idéias, como naqueles que se sentem atacados pela mesma segurança.

Este “bloqueio” temporal (o não influenciar-se mutuamente agora) não dissolve o grupo e sim as estruturas alienantes que podem haver no grupo, ou seja, suprime-se a submissão de uns ao suprimir a dominação de outros, tanto mais perigosa, certamente, quando é exercida quase inconscientemente. Cada um deve deixar-se guiar pelo que experimenta pessoalmente, no seu mais profundo.

Quarta Etapa: Colocar em comum:

a) Razões pró e contra

Neste primeiro tempo, cada participante apresenta o fruto da sua reflexão orante pessoal. Todo debate fica de fora para não confundir o positivo com o negativo mas, sobretudo, para evitar reações apaixonadas no estudo com serenidade dos problemas. Os primeiros companheiros de Santo Inácio propunham um dia os prós e no dia seguinte os contras.

Um certo espaço de tempo entre uns e outros é muito conveniente. Assim, a discussão não terminava em debate, mas se concentrava mais na escuta ativa do outro e se viam todos os prós juntos e também, logo, os contras.

Os prós por tal alternativa e os contras não devem deixar que haja uma inclinação, mesmo provisória. Todos estão comprometidos em um diálogo (não em uma discussão) no qual ninguém toma ainda uma posição definida nem definitiva. Para isso o melhor será que cada um apresente o resultado da reflexão orante de

maneira objetiva e neutra enquanto seja possível. Importa, pois, não deixar transparecer uma convicção adquirida ou que começa a formar-se. Pelo contrário, poderia pensar-se: *“Esta pessoa já tomou uma decisão definitiva, da qual ninguém a tirará..., para que continuar buscando, já não vale a pena que eu apresente uma razão contrária que vejo e que experimento...”*

b) Valorizar os argumentos prós e contra

Uma vez que cada um haja exposto seus prós e contras, se dá a cada participante uma lista completa com todos os prós juntos e outra também com todos os contras colocados.

É a hora de avaliá-los, tomar-lhes o peso para optar por aquela alternativa que alguém julga e experimenta como a melhor para traduzir aqui e agora o querer de Deus para o grupo. O importante não é o número de razões nem a retórica com a qual são expostas, mas a ponderação da mesma (seu peso). Cada um pode fazer um círculo numerando o argumento que julga mais determinante (empregando uma escala, por exemplo: de 0-10).

Não será difícil que vários coincidam e elejam, como determinante, uma mesma razão, seja a favor ou seja contra. Essa “revelação” dará uma fisionomia do grupo: permitirá não só dar-se conta do estado dos espíritos, como também como os membros estão reagindo a alguns determinados argumentos propostos.

Talvez seja útil realizar uma reunião ou mais para ponderar as razões mais determinantes e convidar a um ou vários participantes a justificar sua eleição, revelando, ademais, como se sentem ao optar (com tranquilidade, paz, inquietação, desassossego...). Tudo isto deve ser feito em clima de sinceridade e humildade. Não se trata de impor, mas de expor. O importante não é vencer, mas encontrar juntos a vontade de Deus. No caso de bloqueio ou perturbação do grupo (equivalente a *“desolação individual”*), seja porque o grupo se feche e se desintegre numa discussão ou que os indivíduos se coloquem de lado, o primeiro é ter o valor deter-se e logo, aprofundar pessoal e comunitariamente e verificar as disposições interiores com que estamos realizando o processo. Assim fizeram os primeiros jesuítas no início da segunda etapa da sua dupla deliberação.

Quinta Etapa: Sondagem Prévia

Uma vez expostas as razões a favor e contra, com simplicidade e objetividade, ponderadas com liberdade interior e sentido evangélico, pode ser útil uma sondagem prévia para ver para onde se inclina o grupo.

Por outro lado, o discernimento é de natureza afetiva e não só intelectual. É um *“sentir”*, disse Inácio. Trata-se de valores, não de idéias. Reconhecemos a Deus presente na nossa busca e em nossa decisão por meio da paz e da força que nos invadem – como indivíduos e como comunidade – e por isto sabemos, outra vez, de uma forma indireta, que nossa busca e eleição são guiadas pelo Bom Espírito.

Sexta Etapa: A Decisão

No processo de deliberação em comum se começa sempre por saber qual é a vontade de Deus para nós nessas circunstâncias concretas e se termina, conhecendo-a, caso a tivermos decidido bem.

O respeito pela decisão pode se dar nessas três hipóteses:

Primeira hipótese: Consenso explícito, unânime ou quase unânime.

Deve aspirar-se a ela sempre que seja possível. A unanimidade será sempre uma meta da comunidade, mas não a que consiste numa votação numérica, mas sim aquela que *“enche de ânimo a todos”*.

O critério da boa deliberação não é necessariamente a unanimidade que poderia converter-se em obsessão, em sinal palpável do nosso êxito comunitário. O problema é não pagar uma unanimidade fictícia e ilusória ou emocional com uma falta real de liberdade de expressão. O pluralismo tem aqui a sua função. Em um excelente processo de discernimento, muitas vezes, pode todavia subsistir uma minoria.

O discernimento se efetua aqui e agora. Mesmo quando compromete toda a vida, deixa a possibilidade de novos discernimentos futuros, porque novos acontecimentos devem ser reconhecidos como novas palavras de Deus ao indivíduo ou à comunidade. A maior glória de Deus pode estar em tal ação hoje, e em outra no futuro.

E quando persiste a minoria? O fruto da deliberação deve levar em consideração:

- que esta minoria não permaneça fechada e apaixonadamente aferrada à sua maneira de ver as coisas;
- deve ter a segurança de que foi escutada e compreendida;
- que continua integrada ao grupo. Que o grupo não somente não a rechaça, mas que também a estima como fermento para novos progressos;
- que para seu dinamismo “não conformista” e, portanto, animada para avanços posteriores, se conserva viva e para o bem do grupo.

Segunda hipótese: secreto ou não

Não é certamente o desejável. Um voto pode endurecer as posições o que iria contra o espírito mesmo de uma verdadeira deliberação. Outra coisa é a decisão que adotou o grupo dos primeiros companheiros de Santo Inácio. Quando um deles se opôs tenazmente ao parecer dos demais a respeito do modo de ensinar doutrina às crianças. Decidiu-se então que o sufrágio daquele que se opusera a todos os demais seria considerado nulo. Se existe, de antemão, este compromisso prévio de aceitar a conclusão como vontade de Deus para toda a comunidade, a decisão não deve criar nenhum problema. Sempre há que se tomar cuidado: uma coisa é a “intriga palaciana” e outra, muito distinta, o voto responsável e maduro, feito em consciência, em um grande clima de liberdade interior.

Terceira hipótese: Recurso ao “*superior*”: presidente, comitê local, coordenador regional, CEN, ExCo...

Não é também o ideal. O grupo não deveria evadir-se da sua responsabilidade durante todo o processo (e a decisão é também uma parte dele). Mas pode suceder do grupo, enquanto tal, julgue razoavelmente:

- que o superior está sensibilizado suficientemente aos movimentos da sua vida interna;
- que entram em jogo elementos de “foro íntimo”, cujo sigilo o grupo sente que deve respeitar;
- que já está provada a sua prudência espiritual e a sua capacidade para deixar coesa e dinamizar a comunidade.

Sétima Etapa: Confirmação

O processo não termina com a opção da eleição a que se chegou o grupo ou comunidade, quem sabe longa e penosamente. A opção é “*condicionada*”, ou seja, precisa ser confirmada:

INTERNAMENTE na paz de ânimo de cada um e de toda a comunidade. Santo Inácio usa constantemente expressões como estas: contente, paz, quietude, tranqüilidade.... Trata-se de um aumento da esperança, da fé e da caridade (EE 316), purificando a qualidade da sua vida apostólica e integrando a decisão tomada por parte de cada um. Essa decisão está de acordo com a história da comunidade e com seus projetos. Todos sentem fortalecida sua coesão e sua unidade... O grupo deve reconhecer que aquela é a vontade de Deus para a comunidade aqui e agora.

EXTERNAMENTE. A eleição da comunidade se converte em “decisão” quando tiver sido confirmada pela autoridade legítima – o coordenador local, o comitê local, o assessor, a equipe de assistentes... – que deve, ela também, colocar-

Epílogo: O papel do “Animador Espiritual”

Este animador espiritual, cuja importância é chave e fundamental em todo o processo, pode ser o assessor do grupo, a equipe de assessores, o coordenador regional... Esta figura é ainda mais conveniente caso o grupo passe de oito ou dez e deva se dividir em subgrupos para a partilha em comum e para a decisão na comunidade maior.

Qual é o seu papel?

- Garantir as condições para que se verifique um verdadeiro discernimento, mantendo-se a energia espiritual, o clima de busca sincera e esperanças ao longo de todo o processo.

- Tomar cuidado para que a conversa não se desvie para alguma variante, clarificando os objetivos do grupo.
- Sugerir o método mais apropriado para a partilha em comum e a tomada de decisão da comunidade maior.
- Marcar os tempos das etapas para evitar digressões que não ajudem ou paralisem o processo.
- Evitar que se tomem decisões malucas.
- Ajudar e analisar as moções que o grupo vai sentindo.
- Deve ser, em uma palavra, o que o acompanhante de exercícios e para o exercitante: homem espiritual, aceito por todos, conhecedor das dinâmicas de grupo e habituado ao discernimento dos espíritos...

Enviar

“Missão supõe e implica que, na igreja e a partir dela, alguém envia e que alguém é enviado a implementar a própria missão de Jesus” (Carisma CVX 86)

“...que desejam seguir a Jesus Cristo mais de perto e trabalhar com Ele para a construção do Reino.” (PG 4)

Fundamentação

Desde a Palavra de Deus

Desde o momento em que Jesus toma consciência da sua missão, vem-lhe também a consciência de que é enviado do Pai, de maneira que toda a sua vida será uma constante referência à vontade do Pai.

Na pessoa de Jesus o seu centro está fora dele. Ele é a pessoa que se define por ser a resposta a Aquele que lhe enviou. Neste sentido Jesus é um des – Centrado. Toda a sua pessoa está na escuta de Quem o enviou. É um contemplativo do Pai e vive em uma comunhão cordial e afetiva com Ele.

Desta maneira, é preciso entender, valorizar e reivindicar o seguimento a Jesus como aspecto primordial da espiritualidade inaciana e o cristocentrismo da CVX. Nossa referência é, pois, Cristo, a Quem queremos *“seguir mais de perto...”* Referimo-nos ao Jesus enviado pelo Pai e, portanto, nos sabemos constituídos pelo seu mesmo envio.

Assim, nos Evangelhos e no Novo Testamento, há repetidas referências que mostram a consciência de Jesus como enviado: Hb 10, 5-7, a encarnação – pedra angular da nossa espiritualidade – é fruto do envio, deixa Nazaré para cuidar dos assuntos do Pai... A *“música constante”* de Jesus é fazer a vontade do Pai. Sua

comida é fazer a vontade do seu Pai (Jo 4,34). A razão da sua doutrina (Jo 8,28). É o Pai quem marca a hora (Jo 13 e JO 17, 1),....

Desde a tradição e o magistério da Igreja

Cristo ressuscitado põe nas mãos do seu corpo, a igreja, a missão de enviar para trabalhar na sua vinha – Aos de Emaús, por exemplo, não os envia a pregar diretamente, mas que lhe remete para a comunidade. O mesmo sucede quando se apresenta aos apóstolos e os convida para que irem pescar no lago (“*vamos também contigo*”)

Assim a Igreja se converte, por mandado do mesmo Jesus, em mediadora da missão e é desta forma como os apóstolos elegem a Matias, enviam a Paulo e a Barnabé, escolhem diácono para o serviço da comunidade, ... e assim até o dia de hoje.

Paulo VI o expressou magnificamente na exortação *Evangelii Nuntiandi*: “*A Igreja é depositária da Boa Nova que deve ser anunciada. As promessas da Nova Aliança em Cristo, os ensinamentos do Senhor e dos Apóstolos, a palavra de vida... tudo isto lhe está confiado. E o que lhe está confiado é nem mais nem menos do que o conteúdo do Evangelho...*” . E mais adiante insiste: “*... enviada e evangelizada, a Igreja mesma envia aos evangelizadores. Ela põe na boca a Palavra que salva, lhes explica a mensagem Dele que ela mesma é depositária, lhes dá o mandato que ela mesma recebeu e os envia a pregar. A pregar não a si mesmos ou a suas idéias pessoais, mas um evangelho do qual ninguém é dono ou proprietário absoluto para dispor dele ao seu gosto, mas ministros para transmiti-lo com fidelidade*”.

Desde o Carisma Inaciano

Inácio ficou impressionado por este aspecto principal de Jesus, o de sentir-se, saber-se e viver como o enviado do Pai.

Inácio, no Cardoner, descobre a um Cristo com a missão de devolver ao Pai todo aquele que havia saído Dele. Vê a um Cristo com uma missão: a construção do Reino do Pai e portanto, um Cristo comprometido com o mundo, uma Trindade enternecida pela situação infernal do mundo e que sai na pessoa do Filho ao encontro deste mundo necessitado.

Deste modo a missão se coloca para Inácio de Loyola como elemento constituinte, definitivo e central. Missão é, para Inácio, em primeiro lugar, o envio. Este é o sentido que ele privilegia para o termo por cima de qualquer outro significado. Um envio que radicalmente é do Senhor, mesmo que suas concretizações históricas se realizem através das mediações. Um envio que não se realiza no solitário, mas como companheiros do Enviado. Ele, e não nós, é que é o dono da missão. Nela nós estamos não como trabalhadores autônomos, mas com Ele e segundo o Seu Espírito. Nossa máxima aspiração consistirá sempre em nos inserirmos no trabalho de Deus como colaboradores da missão de Cristo (Carisma CVX 76).

Inácio terá uma constante na sua vida: ver na Igreja o sinal definitivo de onde Deus o quer enviar. Ele o fará quando descobre que sua ilusão de toda a vida – “servir ao Senhor em Jerusalém” não é o seu destino, mas colocando-se à disposição da Igreja, o destino que recebe é o de ir até Roma. E mais adiante, quando funda a Companhia de Jesus, a põe à disposição do Papa para que ele os envie ali onde ele vê que há maior necessidade na Igreja.

Os Exercícios são um método que é atravessado por uma petição constante: “*buscar e fazer a vontade de Deus*” (EE 1), que é quem chama (EE 91 e 95) e envia (EE 146).

Todas as cartas de Inácio terminam da mesma maneira: “*Que sua santa vontade sempre sintamos e em tudo inteiramente cumpramos*”.

Desde nosso carisma CVX

Nosso carisma tem como referencial principal um mistério de Jesus Cristo: a Encarnação (PG1). Como se disse antes, a Encarnação é o resultado do envio: as três pessoas divinas vendo os homens perdidos e sem rumo decidem dar-se e enviam então o Filho.

Jesus envia. “*Nos evangelhos, e de modo especial no de João, Jesus nos é apresentado como enviado do Pai. O ser enviado é precisamente o que dá sentido a sua vida e a sua presença entre nós. De tal maneira que não se entende a figura de Jesus senão a partir dessa missão que o Pai recomendou-lhe. Por outra parte, a missão não é algo que pertença a Jesus, mas sim o dom que recebeu do Pai.*” (76)

A Igreja é continuadora deste envio. “*A Igreja é “a congregação de todos os crentes que vêem a Jesus como autor da salvação e princípio de unidade e de paz”; “é convocada e constituída por Deus, para ser sacramento visível desta unidade salutífera para todos e cada um”. A Igreja é o sacramento de salvação na história de nosso mundo.*” (80)

“De acordo com a especificidade de cada um dos carismas que surgem na comunidade cristã, a Igreja, por meio de mediações concretas, confia a missão de Jesus aos cristãos. Para que se dê realmente a missão, há que se expressar em sinais concretos. A missão confiada pelo Pai, realiza-se por meio da corporeidade de Jesus; a missão confiada por Jesus, realiza-se por meio da corporeidade da Igreja; também a missão a cada fiel e a cada grupo de fiéis, comunidades, igrejas locais, realiza-se por meio de sinais concretos proporcionais a cada situação. Cada carisma eclesial dará significado a esse “enviar”, por meio de mediações que lhes são próprias” (84).

“Missão supõe e implica que, na Igreja e a partir dela, alguém envia e que alguém é enviado a implementar a própria missão de Jesus”.(85)

Algumas reflexões sobre a missão do leigo

1. Que é o envio

Enviar é encomendar comunitariamente uma missão. A missão, que é de Cristo, é assumida por toda a comunidade, que envia uma ou várias pessoas para fazê-la concretamente. A missão pode ser – na sua execução – pessoal, grupal ou comunitária, mas sempre é uma missão assumida como própria da comunidade que a terá discernido e referendado, a acompanha e avalia como própria em momentos posteriores.

Ser enviado é receber formalmente o encargo da comunidade para realizar uma missão, seja esta pessoal, grupal ou comunitária. Quem envia é a comunidade, que assume a missão, mesmo que esta se refira a trabalhos em campos bem pessoais. Evidentemente, o envio se faz mais palpável nas missões comunitárias, mas elas não devem ser consideradas de mais qualidade, ou *“mais comunitárias”* que as missões pessoais de cada membro, sempre que essas sejam resultado de um processo de discernimento e envio.

A comunidade realiza o envio na etapa que o Plano de Formação denomina *Vida Apostólica*, que é correspondente ao compromisso permanente. Enviar é, portanto um ato da comunidade que à luz das prioridades apostólicas que emanam das distintas assembleias e depois de uma deliberação comunitária, remete seus membros segundo seus carismas e inclinações para servir na construção do Reino.

O ser enviado é a formalização da resposta à iniciativa de Deus, mostrada no discernimento, vivida e referendada pela comunidade. É, portanto uma conseqüência do mesmo.

Ser enviado é também experimentar a disponibilidade vivida nos Exercícios Espirituais para servir o Senhor ali onde Ele queira; depositando a confiança em nossas assembleias de onde emanam as prioridades apostólicas antes mencionadas e em nossos companheiros de governo, eleitos e enviados, para levá-las a cabo.

2. Características do envio

O envio qualifica, e dá qualidade á vida que deve ser re-ordenada para torná-lo possível.

O envio pode ser feito a uma pessoa ou a um grupo ou comunidade, em função das características da missão recebida. Esta missão que é recebida em palavras será concretizada

através do rito de envio – dimensão sacramental do mesmo – e formalizada por escrito. Esta formalização nos fará conscientes de onde está cada um e que meios tem para realizar a tarefa encomendada.

Por sua vez, a formalização do envio é uma ferramenta para poder realizar as duas vertentes seguintes do processo DEAA: apoiar e avaliar.

O envio recebido em comunidade, especialmente se é em grupo, deverá ser comunicado às demais partes do nosso Corpo Apostólico, ou seja, às Regionais, comitês, coordenadores, comissões, equipes apostólicas,... de maneiras que se tenha presente a articulação dentro dele. Desta maneira, a pessoa se põe à disposição dos que tenham sido escolhidos para liderar e governar nossas comunidades; e por sua vez, solicita seu apoio real e efetivo – com os meios que sejam precisos – para levar a cabo a missão a qual lhes enviamos.

3. Sempre é um envio laical

As condicionantes que se atribuem ao leigo (por ex. família, profissão...) não são obstáculos, mas sim os meios reais e efetivos onde irá realizar sua missão.

Assim, a família, o trabalho, a profissão, as estruturas seculares... não são limitantes apostólicas, pois que o mundo é precisamente o campo de missão do membro CVX.

“Aos leigos pertence, por sua própria vocação, buscar o Reino de Deus tratando e ordenando, segundo Deus, os assuntos temporais. Vivem no mundo e em todas e cada uma das atividades e profissões, assim como nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais está envolvida a sua existência. Ali estão chamados por Deus a cumprir sua própria obrigação”... (Lumen Gentium)

Deve haver, pois uma disponibilidade ou fidelidade básica e fundamental às exigências do próprio estado laical. Uma comunidade leiga quando envia deve ter muito presente este princípio: a fidelidade ao próprio estado.

O envio não deve nunca menosprezar ou deixar de atender às exigências próprias deste estado.

Tudo o mais, caso o haja, deve estar regulado pela regra do tanto quanto... e que sirva de ajuda sempre o próprio estado laical ao enviado na missão.

4. A pessoa deve ser enviada a partir das suas competências?

Certamente que para Inácio é importante ter em conta a condição e natureza da pessoa para se saber se ela corresponde ao que se pede nesta ou naquela missão.

Entende-se por competências as qualidades naturais da pessoa: sua experiência, suas capacidades, seus gostos, suas possibilidades, que afinal são todos eles expressões da bondade de Deus.

E também suas moções, ou seja, os movimentos interiores da pessoa na sua relação com Deus. Inclinações que terão de passar, pois pelo crivo da oração, pelo discernimento diário (exame de consciência) e o acompanhamento para serem percebidas como chamadas de Deus, evidentemente, deixando sempre aberta a porta através da qual Deus pode nos surpreender.

Tudo isto supõe um coração ordenado, indiferente, livre de todo afeto desordenado, um coração habitado por um grande desejo: *“somente desejando e elegendo o que mais conduz para o fim para o qual somos criados”*. (EE23)

Como enviar? O rito do envio

A CVX, como comunidade receptora de um carisma específico, o Carisma Inaciano, a serviço da missão da Igreja, expressa o envio à missão dos seus membros através de formas concretas e como fruto do discernimento apostólico comunitário. Nem sempre resulta como algo fácil escolher o modo mais adequado para *“enviar em missão”* mas, os que têm optado em plenitude pelo Carisma Inaciano são antes de tudo apóstolos em missão da Igreja e têm direito de saber-se enviados pela comunidade na qual compartilham a sua vocação específica. A Comunidade envia explicitamente e ao mesmo tempo acompanha, tanto o discernimento apostólico, como também o desenvolvimento mesmo da missão (Carisma CVX 96).

Poderia se resumir o itinerário do discernimento prévio desta maneira (ver Discernir)

1. Preparação remota: uso dos meios inacianos

- * Cuidar da relação íntima com Deus através da oração.
- * Fidelidade ao exame diário.
- * Vida confrontada e objetivada por meio do acompanhamento espiritual.

2. A comunidade escuta e se informa

- * O enviado apresenta todas as suas competências e moções na/para a comunidade. *(Como em casos anteriores, se emprega o termo genérico - comunidade neste caso - para se referir às possíveis situações nas quais a pessoa partilha suas competências: poderá ser o grupo de vida, ou a comunidade local... em cada caso.)*
- * A comunidade escuta.
- * A Comunidade somente pergunta caso necessite ter mais clareza.
- * Nesta fase não há sessão, não tem debate, nem interpelação.

3. A comunidade reza

- * Deixa-se tempo suficiente para colocar como objeto de oração tudo que foi ouvido.
- * Cada um dos membros da comunidade reflete, pede e suplica a Deus que o ilumine.

4. A comunidade interpela

- * Verifica as nuances, analisa, aprova. É o momento de fazer o intercâmbio das moções.
- * Pode ser que este passo dure uma reunião, ou seja necessário mais tempo.

5. A comunidade envia: o rito do Envio

- * É o final do processo.
- * A comunidade local que concretamente é expressão da CVX Mundial, reunida normalmente ao redor da mesa do Senhor – Eucaristia, origem e centro da vida comunitária – formaliza o envio por meio dos que têm a autoridade e que são os que tornam explícito o envio em nome dela.
- * O envio deve ser um rito simples, mas solene, sério e também festivo, expressão da missão de toda a comunidade que envia a pessoa ou pessoas que a levarão a cabo. Pode ser acompanhado de algum símbolo que expresse o sentido verdadeiro que se deve ter, e que também seja uma ajuda simbólica plástica para a pessoa enviada e para toda a comunidade.

Acompanhar

Acompanhar é fundamental para o desenvolvimento do Corpo Apostólico. Porque nem sempre estamos discernindo e enviando, mas sempre estamos ajudando. Por isto, reconhecemos a necessidade de caminhar juntos, apoiando-nos uns aos outros em nossas debilidades e aproveitando as fortalezas dos demais. Reconhecemos nossa total dependência de Deus e nossa necessidade pessoal e comunitária de conversão contínua no Senhor (Projetos 125).

Fundamentação

Desde a palavra de Deus

A Bíblia mostra repetidamente a necessidade que temos dos demais no nosso caminho de fé.

No livro de Tobias encontramos o seguinte diálogo: *“Pai, farei a viagem que me disseste, mas não conheço o caminho de Media. Ele lhe respondeu, bem, filho, procura um homem de confiança que possa acompanhar-te e Tobias saiu em busca de um guia experiente que lhe pudesse acompanhar até Media”.* (Tb 5, 3-4)

É a mesma coisa que Jesus faz com os de Emaús: sai aos seus encontros, os acompanha, explica e anima.

Este é o exemplo que temos recebido das primeiras comunidades, que são uma clara manifestação deste apoio mutuo, até o ponto de despertar a admiração dos judeus: *“Vejam como eles se amam”.*

Uma coisa se torna clara desde a Palavra de Deus: além da graça, é necessário o apoio dos demais para a construção do Reino.

Desde a tradição e o magistério da Igreja

O Concílio Vaticano II no Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, número 18, afirma: *“O apostolado de grupo é também muito importante porque muitas vezes exige que se leve a cabo uma ação comum ou nas comunidades da Igreja ou em diversos ambientes. As*

Associações, erigidas para os atos comuns do apostolado, apóiam a seus membros e os forma para o apostolado, organizando e regulando convenientemente a sua obra apostólica, de maneiras que são de se esperar frutos muito mais abundantes do que se estivesse cada um trabalhando separadamente.”

E este mesmo decreto, no seu número 17 expressa: *“... deste modo, ajudando-se uns aos outros espiritualmente através da amizade e da troca de experiências, se preparam para superar as desvantagens de uma vida e de um trabalho isolado e para produzir maiores frutos no apostolado.”*

Desde o Carisma Inaciano

Inácio não compreende os Exercícios Espirituais se não é com a ajuda de um acompanhante; que anima, adverte, confronta, propõe modo e ordem... Os exercícios são uma experiência pessoal, mas não individualista. Necessita do acompanhamento de outro para que aconteça a experiência.

Na Deliberação dos Primeiros companheiros, número 3 se diz: *“... reduzindo-se a um Corpo ganhando inteligência e para maior fruto das almas”*. Desta maneira, a informação, o saber de uns e dos outros, se tornará num dos grandes meios que se encontrarão para viver e sentir a *“união de espíritos”* e essa informação também será importante para poder apoiar a pessoa envida em missão.

Entre muitos outros exemplos dos primeiros tempos de Inácio e seus companheiros, podemos recordar como a primeira iniciativa de Deus com respeito a Inácio, Xavier e Fabro se manifestou fazendo confluir as suas histórias pessoais, como também acontece conosco nos tempos de hoje. Por isso, eles dizem: *“... que não devíamos desfazer a união e comunhão que Deus havia feito, antes confirmá-la e estabelecê-la... tomando cuidado uns com os outros... para maior fruto das almas”*.

E muito especialmente Xavier viveu a *“união de espíritos”* com todos os seus companheiros da Europa, como também eles com Xavier e não podia então se sentir mais sozinho fisicamente em suas viagens. Pois sentia o corpo da Companhia sempre do seu lado e isto lhe fazia saber-se membro de um só corpo, atualizando a sua vida como um envio da Igreja para a Companhia inteira, realizado na pessoa dele.

Por isto, o que faz grandes aos primeiros companheiros - e nos faz grandes a nós também hoje – é o grupo: uma mística de corpo que é anterior à constituição da forma da Companhia como o é à formulação de estruturas de governo, liderança...

Desde o nosso Carisma CVX

“A comunidade envia explicitamente e ao mesmo tempo acompanha, tanto o discernimento apostólico como o desenvolvimento mesmo da missão” (Carisma CVX 96).

“Desejamos acompanhar a cada um na missão recebida. Isto supõe que cada membro da comunidade compartilhe a informação necessária sobre sua vida em missão, que os demais o escutem e expressem seu apoio através de gestos concretos”(Projetos 120).

O membro CVX vive seu sentido de pertença ao Corpo Apostólico expressado localmente em sua comunidade de pertença, como algo que lhe constitui, que forma parte da sua identidade e já não pode viver a sua vida cristã e eclesial sem os outros membros. Nela ele vive o envio para a missão atuando com responsabilidade compartilhada (nos fazermos co-responsáveis no funcionamento do Corpo).

O apoio efetivo e afetivo dos membros uns com os outros é o que se procura. (ex: boa amizade, conhecimento mutuo, relações baseadas no carinho...).

A comunidade é uma comunidade de vida, não há necessidades materiais ou espirituais que não encontrem eco dentro da comunidade. Na comunidade se realiza a “união de espíritos”, onde cada um se conhece, tem presente e reza por todos e cada um dos demais membros.

Sobre esta base a comunidade local exerce o acompanhamento e apoio para que cada membro seja fiel à missão que lhe tenha sido encomendada.

O DEAA é um instrumento que ajuda a fazer real o acompanhamento e a “união de espíritos”, entra de cheio na vida da comunidade local – se faz “carne” – através do acompanhamento.

Que é acompanhar e o que é ser acompanhado

1. Acompanhar é procurar o apoio afetivo e efetivo dos membros da comunidade, para que cada um seja fiel à missão que lhe tenha sido encomendada e possa desempenhá-la com ânimo e eficácia, oferecendo os meios que mais lhe ajude para este fim. Ou seja, é apoiar afetiva e efetivamente à pessoa nas ações que ela vai desenvolvendo no cumprimento da missão.

Portanto é o terceiro momento de um processo - DEAA – que implica (1) missão discernida, (2) envio para a missão e (3) apoio afetivo e efetivo para poder realizá-la.

Acompanhar é, portanto, para um membro CVX, a referencia do Corpo Apostólico, esteja onde estiver e que reflete e se fundamenta na união de corações em torno de Cristo e da Sua missão.

2. Ser acompanhado, deixar-se acompanhar, é buscar os apoios necessários para ser fiel à missão discernida e recebida no seio da comunidade, como membros do Corpo Apostólico.

Quem acompanha: níveis de acompanhamento

Para as ações derivadas das missões comuns, procedentes do Projeto Apostólico Comunitário da comunidade local ou das prioridades apostólicas emanadas das coordenações regionais, nacionais, mundiais, da Igreja... (planos diocesanos, colaborações solicitadas, etc.) corresponde aos companheiros responsáveis do governo (as assembléias de representantes, comitês locais, presidentes locais, coordenadores...), junto com os responsáveis eleitos para o desenvolvimento da tal missão, a responsabilidade de programar ajudas, meios e estruturas para que existam as condições efetivas que façam possível o envio recebido, seja de pessoas determinadas ou a grupos ou comissões concretas.

Portanto, para as missões comuns podem se estabelecer diferentes níveis para o acompanhamento e o cuidado com a missão na comunidade. As formas de acompanhamento correspondem a diferentes pessoas. Estes níveis de acompanhamento são:

1. A comunidade em conjunto, que está sempre apoiando e rezando.
2. Coordenações locais e regionais, presidentes, coordenadores e assessores, responsáveis por: (a) cuidar das linhas gerais da missão. (b) pela comunhão entre as diferentes comunidades e grupos de vida e com as demais estruturas locais e regionais e (c) determinar as prioridades apostólicas, definindo tarefas e ações a serem seguidas.
3. A comunidade de vida e o acompanhante espiritual que estará cuidando das pessoas e dos seus tempos, das suas vivências e ações, sua fidelidade à missão recebida e o nível do seu “cumprimento”.

Para as missões pessoais, centradas na vida cotidiana de cada membro, discernidas e formuladas como envio, é uma peça fundamental de acompanhamento a Coordenação Regional. O assessor, o acompanhante espiritual, a comunidade de vida local, e quantas ferramentas devam ser disponibilizadas para um acompanhamento afetivo e efetivo, abertos a cobrir demandas de apoio que possam apresentar-se derivados da própria missão, como irmãos e companheiros que estão chamados a serem os membros da CVX.

Como se acompanha: métodos e ferramentas

A ação de acompanhar é posterior à ação de enviar, mas vai implícita no envio. É uma concretização do discernimento e do envio. Por isto, não se deve realizar o ato de envio se não se tem previsto como será o acompanhamento e os métodos e ferramentas necessárias para levá-lo a cabo. Quando se discerne uma missão, deve-se dedicar um tempo para também discernir como será o acompanhamento da pessoa enviada e da sua missão.

Ao se falar de Corpo Apostólico, fala-se da comunidade como o lugar onde se realiza a *união dos ânimos*, uma união que é dada pela missão e que se sobrepõe e inclui compartilhar as vivências e manter uma relação direta, com relativa periodicidade, alguns compromissos mútuos, reuniões, etc.

Em razão disto, as ferramentas e instrumentos para acompanhar serão os que permitam “*levar ao outro no coração*”. Para que ocorra isto, para o acompanhamento, são elementos chave:

No apoio pessoal:

- A informação e a comunicação. Estar informado da vida do outro, conhecê-lo, saber das suas alegrias e tristezas, suas esperanças e motivações, suas missões pessoais, suas necessidades e desejos...
- Organização de encontros em pequenos grupos para temas que possam ser prudentes de serem levados à comunidade, ou a algumas pessoas concretas da comunidade, com as quais se têm mais confiança...
- É de vital importância o acompanhamento pessoal, regular e periódico com uma pessoa de reconhecida valia e formação para isto. Deve-se assegurar aos membros mais jovens a aprendizagem do exame diário.

No apoio desde a comunidade de vida:

- Partilhar o exame inaciano, as moções e diversos movimentos que o Espírito vai dispondo em cada um. Mediante esta partilha profunda, em atitude de escuta que provem da oração, é possível fazer-se um com o outro e viver juntos o chamamento do Senhor.
- Acolher e acompanhar as dificuldades concretas, necessidades pessoais, desânimos, perguntas, dando a cada membro o que necessita: conselho, ânimo, ajuda específica, confirmação, etc.
- Informação e comunicação.
- Levar tudo isto para a oração, ter presentes os demais membros da comunidade e pedir (oração de petição que se faz ação) por eles, especialmente em determinados momentos.

No apoio desde a comunidade regional

- Organização de reuniões periódicas com o assistente da comunidade e encontros dos assessores com os comitês locais, para sentir o pulso da marcha da comunidade e dos seus membros.
- Celebrar em alguma ocasião importante uma Eucaristia com a única intenção de pedir pelo desenvolvimento da missão, já que é justamente na Eucaristia o lugar onde Cristo renova o chamado, nos convoca e nos envia.
- Efetuar rodadas de informações sobre a marcha da missão (por exemplo, “*painéis apostólicos*” para visualizar melhor a diversidade e a pluralidade dos campos apostólicos dos membros da comunidade, breves relato escrito no boletim local...).
- Organizar encontros lúdicos que possibilitem uma boa ocasião para partilhar e uma maior liberdade para expressar-se, o que permite conhecer os companheiros desde novas abordagens. Pode ser depois da celebração da Eucaristia ou em encontros de final de semana com a presença de toda a família.
- É importante também oferecer os meios para dar corpo a estruturas comunitárias de acompanhamento material (por exemplo: “*cangurus*” que são pessoas para ajudar no cuidado com a família, viagens, apoio econômico, etc.).

No apoio desde o nível nacional

- Criando estruturas apostólicas comuns através de coordenações, equipes apostólicas, etc., para que aconteça efetivamente a co-responsabilidade. Estes encontros terão periodicidades diferentes segundo os objetivos dos mesmos. Recomenda-se que sejam, no mínimo, semestrais.
- É recomendável igualmente que se organizem encontros temáticos, seminários, etc. (por exemplo: entre membros da mesma profissão, ou para famílias,...) para poder apoiar o trabalho cotidiano dos membros da comunidade.

Avaliar

Como membros da CVX, nós somos chamados a ser peregrinos, a buscar sempre. Nunca podemos dizer “Já chegamos”.

Avaliar

Fundamentação

Desde a Palavra de Deus

Na Palavra de Deus se repetem com frequência dois aspectos importantes e que sem dúvida alguma inspiram e orientam a avaliação:

1 – O agradecimento Na carta a Efésios (Ef. 1, 3-14) temos um hino de louvor em agradecimento a Deus por tudo que Ele nos deu, por nos ter feito seus filhos, parte do seu projeto de salvação, louvando por Ele nos haver escolhido... Estamos inscritos na mesma chave de amor que é o eixo principal da mensagem de Cristo. Somos filhos e desejamos voltar para o Pai, de quem viemos, agradecendo-lhe por todos os bens que nos tem dado, tudo o que somos e temos. Estamos falando de uma avaliação apostólica, que se alimenta no amor e no agradecimento. O que ama, dá e faz isto gratuitamente. Nós recebemos tanto de Deus que só uma resposta é válida e nos compete: Nosso agradecimento e gozo infinito ao Deus Pai por sua fidelidade e entrega. Este gozo não pode ficar entre quatro paredes, mas deve nos lançar para fora.

2 – A Missão (Mt. 13, 3-6; 18-23) Esta parábola do semeador nos convida a perguntarmos: O que se passou? O Senhor envia para a missão, uma missão concreta para cada um (a semente); agora, diante da missão encomendada, há diversas respostas, meios aplicados – adequados ou não, atitudes, eleições... Jesus prega a necessidade de refletir e reconhecer se houve ou não o fruto. Também está aí o sentido do “amor incondicional” (o semeador), que “semeia derramando” sem economizar no momento da semeadura, que oferece gratuita e incondicionalmente, que não faz uma seleção do lugar onde jogará a semente, porque tem confiança de que haverá resposta. Não estamos classificados segundo o tanto por cento da colheita, mas sim convidados a que a semente frutifique de alguma maneira.

Desde a tradição e o magistério da Igreja

O Concílio Vaticano II, no capítulo VI do Decreto sobre o Apostolado dos Leigos – dedicado à formação para o apostolado – faz referência à necessidade de avaliação que tem o apostolado, mesmo sem usar esta palavra: *“Mas já que a formação para o apostolado não pode consistir na mera instrução teórica, aprendam, pouco a pouco e com prudência, desde o princípio da sua formação, a vê-lo, julgá-lo e a fazê-lo todo à luz da fé, a formar-se e aperfeiçoar-se a si mesmos para a ação com os outros”*.

E, ainda com maior clareza, neste outro parágrafo: *“Seus membros revisam, em pequenos grupos com seus companheiros e amigos os métodos e os frutos do seu esforço apostólico e examinam à luz do Evangelho seu estilo de vida diária”*.

Desde o carisma inaciano

Não existe no dicionário inaciano a palavra avaliação, mas sim – e abundantemente – os termos exame e examinar. Pois bem, é possível apropriar-se de alguns dos recursos que Inácio propõe para o exame de consciência apropriando-se deles como ajuda na fórmula da avaliação.

O exame em Santo Inácio não é um exercício narcísico – culpabilizante, mas a tomada de consciência da própria responsabilidade frente à realidade desde a escuta de Deus. A prática do exame permite entrar em sintonia com Deus desde as moções que o Espírito vai suscitando através das circunstâncias interpelantes de um mundo em constante mutação. Não é simplesmente uma atitude contemplativa, mas estar unido, em sinergia, com Ele.

Examinar primeiramente para agradecer pelos bens recebidos – primeiro ponto do Exame – para fazer-se consciente da presença de Deus na vida; *“examinar é orar por observação”*.

Em segundo lugar, examinar também para cair em conta de por onde tem estado o mau espírito. Neste sentido a sexta regra de discernimento da Segunda Semana – orientada para detectar a falsa consolação – é muito reveladora: *“Quando o inimigo da natureza humana for sentido e conhecido pela sua cauda serpentina e pelo mau fim a que induz, aproveita à pessoa que por ele foi tentada, verificar logo o decurso dos pensamentos que ele lhe trouxe, e o princípio deles, e como, pouco a pouco, procurou fazê-la descer da suavidade e gozo espiritual em que estava, até trazê-la à sua intenção depravada. Para que, com tal experiência, conhecida e notada, se guarde, daí por diante, de seus habituais enganos. (344)*

As regras de discernimento da Segunda Semana julgam os objetos que se escolhem desde as desolações e consolações que produzem: o que está em jogo não é como reconhecer e combater a desolação, mas sim, como distinguir entre a verdadeira e a falsa consolação, entre os influxos que deveras levam a Deus e os que mesmo parecendo levar até Ele, de forma encoberta, nos afastam de Deus.

Desde o nosso Carisma CVX

No Carisma CVX é mencionada a importância do Exame de Consciência para a vida comunitária. É preciso destacar algumas dessas referências que ajudam a fundamentar este momento do DEEA.

A característica inaciana da Comunidade CVX e de seus membros se expressa também pelo uso habitual, dos meios inacianos de oração, exames, avaliação, discernimento apostólico pessoal e comunitário e na participação freqüente dos sacramentos. (27)

... Este diálogo de vida nós o prolongamos diariamente no *exame de consciência*, onde reconhecemos “os benefícios recebidos” nas coisas, nas pessoas e nos acontecimentos². Este é um modo de viver no dia a dia a Contemplação para alcançar o amor, que nos faz “*pedir conhecimento interno de tanto bem recebido, para que eu... possa em tudo amar e servir a sua divina majestade.* (55)

Assim, o exame, é a indispensável parada no caminho do apóstolo, que lhe permite ver em perspectiva sua trajetória, e ao mesmo tempo, recuperar forças para empreender com novo impulso interior e maior lucidez o caminho da próxima jornada. A prática fiel do exame é determinante para formar o “*contemplativo na ação*”, que busca e encontra Deus em todas as coisas. (121)

Os membros CVX são chamados a serem peregrinos, a buscar sempre. Os Cristãos nunca podem dizer “*já chegamos*”. O seguimento de Cristo, o Rei Eterno “*conduz a buscar e fazer a vontade de Deus*”.

É necessário dar uma parada para descobrir aquilo que mais ajude nesse caminho, assim, como também, detectar o que nos impede de fazermos um trabalho melhor.

Este é o sentido que a CVX avalia: tomar consciência, refletir internamente sobre o que aconteceu, o que tem passado, na linha do exame inaciano.

Uma reflexão acerca da avaliação no DEAA

Avaliar é o quarto passo no processo do DEAA. Na realidade é lançar um olhar crítico (examinar) os três passos anteriores, olhar que contém uma tríplice pergunta: 1 – o quê? 2 – O como e 3 – o porquê da missão a qual fui enviado.

Na avaliação, que é uma operação espiritual, se avalia uma missão apostólica, o que deve ser feito dentro de critérios evangélicos e não com critérios mundanos, pois a partir desses critérios a missão de Jesus é a de um fracassado.

Trata-se de uma oração de observação e, portanto se requerem para ela todas aquelas disposições e atitudes próprias de uma oração de busca da vontade de Deus.

Ao avaliar nunca se deve perder a perspectiva principal: avalia-se nossa resposta à missão de Cristo, da qual nós somos servidores e não proprietários.

A avaliação tem um referencial inicial e constante: o Princípio e Fundamento. O sentido fundante do Amor de Deus pelos seus filhos.

O objeto da avaliação é a missão, ou seja, servir a Cristo, presente na história, que se faz corpo e sangue na nossa vida e na de todos os homens e mulheres, atuando através de nós todos.

A finalidade da avaliação é confirmar ou modificar esta missão. Permite “tomar a temperatura” das nossas ações apostólicas e é um meio para reordenar tanto as atitudes como as ações.

A forma da avaliação é fundamentalmente o método do exame de consciência inaciano, sobretudo o exame da oração (EE77) e o exame geral (EE43).

É preciso assinalar a importância do amor do Pai como ponto de partida, a fidelidade do Senhor, a presença permanente de um Deus inteiramente bom e generoso que se entrega. É desde aqui que nos olhamos, desde onde examinamos.

CrITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Os critérios de avaliação serão os mesmos que foram levados em conta no processo de Discernir: contemplação, compaixão, comunhão e competência.

Também se deve considerar o Magis inaciano das Constituições: mais universal, mais durável, mais necessário, mais multiplicador, mais humilde, mais esquecido dos outros.

PASSOS DA AVALIAÇÃO

Primeiro passo: O Enviado. “Examinarei como nelas me saí” (EE 77)

- Descrição da situação atual por parte do enviado.
- Tempo de escuta por parte da comunidade.
- Reações, pedidos de esclarecimentos..
- Percepção clara da realidade atual.

Este primeiro passo da avaliação pode se dar desde a perspectiva do enviado (de forma pessoal) e também desde a avaliação da comunidade local como agente, desde o projeto comunitário que o Senhor nos tem mostrado como corpo vivo, peregrino na missão. É um tempo de tomada de consciência da situação do Projeto Apostólico Comunitário.

Segundo passo: Agradecimento. *“E se bem, darei graças a Deus nosso Senhor” (EE77). “O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor por todos os benefícios recebidos” (EE43).*

- Nomear pessoas, sentimentos, momentos...
- Comunicar o fruto recebido.
- Comunicar as dificuldades, superadas ou não.

Cada um é enviado em missão como corpo apostólico. O pressuposto é o reconhecimento que a obra é de Nosso Senhor. Este é o momento de dar graças, de ter presentes os destinatários, os companheiros envolvidos no trabalho...

Aqui se traz à memória os fracassos e dificuldades no processo. O que tem faltado no processo? Temos sido capazes de responder às necessidades concretas que se nos foram apresentadas?...

Terceiro passo: Confirmação

Caso tudo caminhe bem, ou esteja a caminho de ir bem, mesmo com todos os custos inevitáveis do Reino, entre os quais se inclui a cruz, é este o momento de confirmar.

Esta confirmação se dá na mesma vida, na missão. E ao avaliar o Projeto Apostólico Comunitário, acontece da mesma forma, mas para poder tomar consciência deste passo é necessário um acompanhamento conjunto do trabalho, marcar um tempo em que se possa rezar e ver se realmente estamos caminhando segundo o que foi discernido e decidido, segundo o que foi projetado inicialmente.

Quarto passo: O que não foi bom. *“E, se mal, indagarei a causa” (EE77). “O segundo ponto é pedir graças para conhecer os pecados e rejeitá-los” (EE43)*

Talvez não tenha sido acertada a eleição feita. Ou houve falhas no processo de discernimento, ou nos apoios, meios e recursos, tanto materiais como espirituais e pessoais, ou a confiança em Deus.

Neste passo, na realidade, é quando se têm que fazer presentes os passos anteriores.

O quarto passo consiste em pedir perdão a Deus nosso Senhor pelas faltas. Aqui se deve deixar um tempo para reconhecer as dificuldades, possíveis causas das falhas ou respostas que não eram esperadas, etc.

Uma vez refletidos estes aspectos, fazer o pedido de perdão. O sentido é romper com o passado e dar um novo sentido de esperança e desejo de mudança.

Quinto Passo: Emenda e melhoramentos a introduzir. *“O quinto passo é propor emendar-se com a sua graça (EE 43). “E depois de a descobrir, me arrependerei, para me corrigir no futuro (EE77).*

Assim como sob a luz do segundo passo poderia dar-se também o terceiro que é a confirmação assim, neste quinto passo à luz do quarto, poderia ser manter ou modificar a missão.

Trata-se aqui de buscar e fazer as emendas convenientes, ou as retificações precisas, ou pode também acontecer de ter-se que abandonar esta missão.

Sexto Passo: Oração.

A avaliação há de terminar sempre com uma oração, colocando nas mãos de Deus o resultado da mesma.

Modo de proceder

Na dinâmica do DEAA que pretende ir mais além de ser um simples método, é importante considerar todo o processo, a colocação em prática, segundo os objetivos traçados e desde a perspectiva dos agentes e destinatários, desde a co-responsabilidade apostólica de um corpo que tem discernido e tem sido enviado, colocando os meios para dar o necessário apoio.

A colocação em prática deverá prever espaço e tempo para uma revisão regular das etapas do Projeto Apostólico de cada comunidade. Avalia-se nas reuniões de grupo, nas Regionais, nos grupos de assessores e nas equipes de trabalho encarregadas de levar a cabo uma missão comunitária.

Como sugestão, não se deve deixar passar um ano sem dedicar um bom espaço para a avaliação comunitária, equipes de assessores, Regionais, Nacional, etc.

É preciso que se dedique um tempo – com certa periodicidade – para avaliar como se está vivendo o DEAA na comunidade. Cada um desde a responsabilidade que lhe tenha sido encomendada na missão: vida espiritual, organização e implementação do Projeto Apostólico, aprofundamento nas ferramentas inicianas, etc. As Assembléias são, sem sombras de dúvidas, o espaço chave de avaliação, mas não o único (*Em Projetos 125 se sugerem umas perguntas para avaliar nosso caminhar no DEAA, Estas poderiam servir de ajuda para olharmos os nossos projetos apostólicos e a nossa vivência do DEAA em comunidade*).

Para finalizar, lembramos que a avaliação não tem sentido algum se não se toma cuidado com a pedagogia inaciana de estar sempre em discernimento, atentos aos acontecimentos, às pessoas, aos gritos constantes da vida, que nos interpela constantemente e nos faz cair em conta do quão limitados nós somos, como também do milagre que vivemos de sermos enviados por Deus, seguindo a Jesus pobre e humilde.

São os destinatários o centro e a razão de ser da missão. Por isso, é preciso estar sempre atentos às necessidades e chamadas que são recebidas por cada pessoa e comunidade: Não se trata de saber o que vamos fazer, mas sim o que o Senhor nos pede que seja feito.

Apêndice

Fundamentos bíblicos

Quadro 1: Nosso ponto de partida, o envio

- Jo. 20, 19-22: Jesus entre os seus discípulos. “Como o Pai me enviou, também eu envio a vocês...”
- Gn 1,26: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança...”
- Gn 2,7: É Deus quem dá o seu alento, que é a vida.
- Gn. 2,18: “Não é bom que o homem esteja só...”
- Lc. 6,12-19: Chamada pessoal para estar com Ele e servir aos homens:

- dimensão pessoal: vinculação constitutiva
- dimensão corporativa: Corpo Apostólico
- dimensão apostólica: a missão, contemplativos na ação.
- Pode seguir-se o esquema de qualquer relato da Ressurreição de Jesus: (1) reúne os dispersos, (2) entra na situação vital de cada um e se converte em uma experiência pessoal, (3) envia à comunidade e desde a comunidade (4) envia em missão.
- 1Cor 12,26 O corpo e os carismas. A importância do pequeno.
- Uma sugestão cheia de surpresas pode ser meditar o mistério que supõe considerar a Maria de Nazaré, mulher simples de vida oculta, como Rainha e modelo dos apóstolos.

Quadro 2: discernir, enviar e apoiar

- Jo 15: A videira e os ramos. Atuando e deixando a Deus atuar. Não somos servos, mas amigos.
- At. 1,14: A eleição de Matias.
- At. 6,1-7 A eleição e envio dos sete como diáconos.
- At. 15: O primeiro concílio em Jerusalém.

Quadro 3: A avaliação

- Lc. 24,13-35: A experiência no caminho de Emaús. Aprender a olhar com os olhos de Deus. Como aprender a ler as vitórias e os fracassos? Como a experiência volta para nós? O papel da provação na nossa espiritualidade.

Fundamentos da tradição e do magistério da Igreja

- Uma primeira proposta é meditar o precioso texto de Santo Agostinho: “Os olhos vêem aonde se há de ir, os pés vão aonde os olhos fixaram seu objetivo... Todos estão assentados em um só corpo e se mantêm firmes na unidade... não por isto julgam ser estranho o que possuem em comum dentro do mesmo corpo... esta parte separada tem uma conexão tão íntima com a totalidade do corpo que quando na planta se crava um espinho, todos os membros colaboram para tirá-lo... os membros não sofrem, mas em cada parte, sofrem todos”.

- Lumen Gentium 7: “...todos somos membros do seu Corpo e cada um membro do outro...” Vinculação constitutiva união de ânimos, integração da comunidade na vida pessoal e vice versa.
- Gaudium et Spes 32: “... uma nova comunhão fraterna em seu Corpo... para que se ajudem mutuamente segundo os dons concedidos...”
- Gaudium et Spes 4 e 11: a necessidade de discernir os sinais dos tempos para encontrar a presença encarnada de Deus e responder às necessidades dos homens.
- PG 6: “A união com Cristo nos leva à união com a Igreja”.
- Carisma 145: “É o envio da Igreja o que dá sentido de missão às tarefas apostólicas... A Comunidade mundial é a mediação fundamental da nossa missão que chega até nós.

- Apostolicam Actuositatem 18: “O apostolado associado é muito importante porque muitas vezes exige que se leve a cabo uma ação comum... e apóiam a seus membros e os formam para o apostolado, de forma que sejam de se esperar frutos muitos mais abundantes que se cada um tivesse trabalhado separadamente...”
- Evangelii Nuntiandi 13: Chamados a participar ativamente da missão da Igreja segundo nossos próprios dons e carismas. O fundamental: saber que um é parte do todo, que necessita de outros e que todos necessitam do Senhor.
- Christifideles Laici 25 e 29: “... a razão profunda que exige e justifica a associação dos fiéis leigos é de ordem teológica...”
- Novo Millennio Ineunte: “espiritualidade da comunhão”. Não é o quê, nem o como, nem mesmo o porquê. A união de ânimos no sentir com ...

Fundamentos desde a tradição e a espiritualidade inaciana

- Do livro dos Exercícios Espirituais, além da contemplação da Encarnação (EE101-109) podem considerar-se: Princípio e Fundamento (EE23), Rei Eternal (EE91-98), Duas Bandeiras (EE 136-147), Oblação de maior estima (EE 98) e as Regras para sentir coma Igreja (EE 352-370).
- Deliberação de 1539 dos Primeiros Companheiros: “A união dos espíritos”.
- Entre muitos textos possíveis, se propõe um provavelmente pouco conhecido, mas de acesso livre e útil desde o ponto de vista metodológico. É uma reflexão acerca do paradigma pedagógico inaciano: experiência – reflexão – ação, que tem sua origem primeira na dinâmica dos Exercícios Espirituais (*o documento está disponível em [HTTP://.sjweb.info/education/documents/pedagogy_sp.doc](http://sjweb.info/education/documents/pedagogy_sp.doc) Evidentemente, convém selecionar aqueles aspectos menos diretamente relacionados com o ensino acadêmico. É interessante refletir acerca da formulação do próprio paradigma pedagógico inaciano, que inclui umas fases próximas ao nosso discernir, enviar, acompanhar e avaliar*).

Fundamentos desde a caminhada da Comunidade de Vida Cristã

Propõe-se uma série de Princípios Gerais e Normas Gerais que definem a essência do que somos como Comunidade e constituem sempre o horizonte próprio para onde caminhamos, onde se recolhem os fundamentos que nos abrem ao processo atual da DEAA.

Além disto, e como documentos comuns de toda a CVX, se propõe a meditação de alguns artigos do documento O carisma CVX.

Junto com ele aparecem referências aos pontos da nossa história comum, através das Assembléias Mundiais da CVX, onde se foram perfilando as instituições e chamadas para o processo atual. Rastreado juntos este caminho, vamos descobrindo Como nossa própria história, que é patrimônio de todos nós porque todos somos protagonistas dela, não tem sido “logicamente” conduzida até este momento no qual nos encontramos e para o qual nós somos pessoalmente chamados.

- Princípios Gerais: PG 1, PG 4, PG 6, PG 7, PG 8, PG 10, PG 12 e PG 14.
- Normas Gerais: NG 2, NG 9, NG 10, NG 13, NG 22b, 22c, 22f, NG 39, NG 40 e NG 41.

- Carisma CVX: 84, 85, 96-124, 132, 143-148 e 190.
- Desde o Comitê Executivo Mundial: Projetos 120 como marco de referência original e constante.
- Assembléia Mundial CVX de Nairóbi 2003.
- Propostas do ExCo da CVX na Espanha, Assembléia de Murguía e Equipes Apostólicas Nacionais.

Edição: CVX-E Comunidade de Vida Cristã na Espanha